

Sífilis na atenção primária: seguimento pós-tratamento pela enfermagem

Gabriela de Souza Silva¹; [0000-0003-3964-202X](tel:0000-0003-3964-202X)
 Thaís Layne Macedo da Silva Alves¹; [0000-0002-5999-0286](tel:0000-0002-5999-0286)
 Renata Martins da Silva Pereira²; [0000-0001-7642-6030](tel:0000-0001-7642-6030)
 Clarissa Ferreira Pontual de Oliveira¹; [0000-0002-2915-9205](tel:0000-0002-2915-9205)
 Rosane Belo Carvalho de Castro¹; [0000-0001-6744-7358](tel:0000-0001-6744-7358)
 Márcia Figueira Canavez¹; [0000-0001-6176-0685](tel:0000-0001-6176-0685)

1 – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.

2 - UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ. UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

renataenprofessora@gmail.com

Resumo: Trata-se de uma pesquisa oriunda de um Projeto de Iniciação Científica e teve como objetivos entender a experiência de gestantes e seu conhecimento em relação a sífilis e identificar o que tais gestantes conhecem sobre o seguimento após o tratamento em caso de infecção por sífilis. Justifica-se o desenvolvimento da pesquisa pelo fato da sífilis ser uma infecção que tem crescido em número de casos novos e que impacta a saúde de adultos em idade produtiva, gestantes e crianças acometidas pela sífilis congênita, implicando em seus direitos humanos de ter saúde de qualidade e de forma acessível. Gerando ainda, menor expectativa de vida, afastamento do trabalho, impactos psicológicos e implicação na saúde e qualidade de vida para os indivíduos que não fazem o tratamento e seguimento adequados. Participaram da pesquisa 20 (vinte) gestantes maiores de 18 anos. Foram excluídas aquelas que não aceitaram participar ou apresentavam algum déficit cognitivo que pudesse interferir no entendimento das perguntas. A coleta de dados foi feita através de uma entrevista semiestruturada com perguntas fechadas sobre caracterização e outras abertas sobre os objetivos. Os resultados permitiram formar as seguintes categorias: conhecimento adequado sobre sífilis, desinformação das gestantes sobre sífilis e desinformação sobre o seguimento pós-tratamento. Conclui-se com este estudo que as gestantes não têm conhecimento amplo e adequado sobre sífilis, e embora tenham sido submetidas a testagem rápida durante o pré-natal o aconselhamento pré-teste e pós-teste não foi efetivo. Percebe-se ainda que em alguns casos os parceiros não realizaram o teste para sífilis, por pensar ser desnecessário ou não entender a gravidade da doença, a grande maioria não acompanha a parceira no pré-natal, com isso, não tem a chance de adquirir algum conhecimento sobre o assunto. O seguimento de casos após o tratamento, assim como observado em outros estudos, apresenta lacunas e demonstra que os profissionais de saúde ainda precisam avançar nesta prática e também informar as gestantes sobre a importância tanto do tratamento quanto do seguimento para garantir a cura da infecção e o controle da sífilis na comunidade. A pesquisa foi aprovada no Comitê de ética sob parecer nº 3.910.472.

Palavras-chave: Sífilis. Enfermagem. Educação em saúde. Atenção primária à saúde.

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

INTRODUÇÃO

A sífilis é considerada uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST) que atualmente teve um grande aumento no número de pessoas contaminadas, se tornando um grave problema de saúde pública no Brasil, apesar de se tratar de uma doença que tem cura. Esta doença apresenta 3 fases (primária, secundária e terciária) além do período latente. A sífilis também pode ser transmitida de forma vertical (da mãe para o feto) sendo denominada sífilis congênita. (BRASIL, 2019)

A benzilpenicilina benzatina é o medicamento de escolha para o tratamento de sífilis, sendo a única droga com eficácia documentada durante a gestação. Não há evidências de resistência de *T. pallidum* à penicilina no Brasil e no mundo. A resolução dos sinais e sintomas após o tratamento, caso estes tenham estado previamente presentes, é indicativa de resposta à terapia. No entanto, o monitoramento pós tratamento com teste não treponêmico é recomendado a todos os pacientes para determinar se ocorreu resposta imunológica adequada. (BRASIL, 2019)

Para o seguimento do paciente, os testes não treponêmicos (ex.: VDRL/ RPR) devem ser realizados mensalmente nas gestantes e, no restante da população, incluindo pessoas vivendo com o vírus da imunodeficiência adquirida (PVHIV), a cada três meses até o 12º mês do acompanhamento do paciente (3, 6, 9 e 12 meses). (BRASIL, 2019)

Um estudo realizado no município de Sobral/CE relata que o seguimento pós-tratamento de sífilis é pouco aderido pelos pacientes porque acreditam já estar curados, mesmo os enfermeiros informando no momento do diagnóstico sobre a importância do seguimento. Outro problema destacado por enfermeiros em relação ao seguimento é que são em datas e períodos diferentes, a falta de conhecimento e a busca ativa desses pacientes se torna mais difícil. (RODRIGUES et al, 2016)

Justifica-se o desenvolvimento da pesquisa pelo fato da sífilis ser uma infecção que tem crescido em número de casos novos e que impacta a saúde de adultos em idade produtiva, gestantes e crianças acometidas pela sífilis congênita, implicando em seus direitos humanos de ter saúde de qualidade e de forma acessível. Gerando ainda,

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

menor expectativa de vida, afastamento do trabalho, impactos psicológicos e implicação na saúde e qualidade de vida para os indivíduos que não fazem o tratamento e seguimento adequados.

Teve como objetivos: Entender a experiência de gestantes e seu conhecimento em relação a sífilis e identificar o que tais gestantes conhecem sobre o seguimento após o tratamento em caso de infecção por sífilis.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de campo com a abordagem qualitativa, realizada em uma Unidade Básica de Saúde da Família do distrito 4, no município de Volta Redonda (RJ). A opção por este distrito deu-se de forma proposital devido a facilidade de acesso aos pesquisadores. Participaram da pesquisa 20 (vinte) gestantes maiores de 18 anos. Foram excluídas aquelas que não aceitaram participar ou apresentavam algum déficit cognitivo que pudesse interferir no entendimento das perguntas. Todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A coleta de dados foi feita através de uma entrevista semiestruturada com perguntas fechadas sobre caracterização e outras abertas sobre os objetivos. Foi feita a análise do material através da técnica de análise temática e formação de categorias de análise. As gestantes foram identificadas como G1, G2, G3, ... sucessivamente para facilitar a exposição das ideias na análise de dados. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do UniFOA, de acordo com a Resolução 466/2012 que trata de pesquisa envolvendo seres humanos. E aprovada no CEP UniFOA sob CAAE: 29240920.2.0000.5237 e Parecer nº 3.910.472.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As gestantes participantes eram maiores de 18 anos, sendo (65%) de 18 à 25 anos, (10%) de 26 à 33 anos e (25%) de 34 à 41 anos. A maioria das participantes (75%) concluiu o ensino médio, (20%) o ensino fundamental e apenas (5%) o ensino superior. Das gestantes pesquisadas, (50%) estavam na primeira gestação, (25%) estavam gerando o segundo filho e (25%) na terceira gestação. Quando perguntamos

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

sobre a dificuldade para frequentar as consultas de pré-natal, todas informaram que conseguiam comparecer sem empecilhos e o seu pré-natal era realizado com o médico e enfermeira. Das 20 gestantes, (55%) afirmaram que o parceiro nunca realizou teste para sífilis, (40%) já realizou e (5%) não souberam informar. Entre as 20 participantes, (15%) precisaram tratar a sífilis na gestação.

Conhecimento Adequado sobre sífilis

Esta categoria buscou tratar do conhecimento adequado que as gestantes apresentaram em relação ao que é a sífilis e sua prevenção, e os resultados apontam para saberes importantes, como prevenção e desfecho da infecção para o recém-nascido. Mas ainda existe falta de informação das gestantes sobre uma infecção que pode gerar muitos obstáculos para a gestação saudável e o parto de um recém-nascido hígido e com desenvolvimento adequado. Como pode ser verificado nos depoimentos a seguir:

“Sei que é uma doença sexualmente transmissível, não sei o que causa, só sei que o que previne é o preservativo.” G1

“Que é uma doença sexualmente transmissível e que inclusive passa para o bebê, se a mulher tiver, tem criança que nasce cega né? Foi o que aprendi na escola. E a prevenção que eu sei é o preservativo.” G4

“Já ouvi falar, sei que é uma doença que pode ser transmitida sexualmente, mas não tenho muita informação.” G6

Em caso de sífilis, a gestante quando obtém todas as informações necessárias, se torna menos vulnerável a infecção e reinfecções durante a gestação, e também em relação a sífilis congênita. Levando inclusive, conhecimento para o parceiro e outras gestantes sobre as manifestações clínicas, o tratamento adequado para a sua saúde e a do feto, para que possa estar livre da infecção e a importância da realização do teste rápido e do VDRL durante e após sua gestação. (LIMA et al, 2013).

Percebemos que quando as gestantes obtêm algum tipo de conhecimento sobre a sífilis, demonstram segurança para abordar o assunto com pessoas próximas, e cuidam melhor de sua saúde e da sua família. O enfermeiro que atende ao pré-natal tem um papel importante como disseminador de conhecimentos, sendo um

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

profissional que estimula os grupos de gestantes, a participação do parceiro nas consultas, faz o tratamento de sífilis na atenção básica de saúde e acompanha o seguimento das gestantes após o tratamento, sempre dando informações para assegurar a participação da gestante e do parceiro no tratamento e busca pela cura da infecção.

Desinformação das gestantes sobre sífilis

Ao analisar as falas de gestantes sobre sífilis, ficou claro que ainda faltam informações sobre sífilis no cotidiano das gestantes, percebemos ainda, alguma possível falta de interesse sobre o assunto, perpetuando dúvidas e desinformação de forma contínua. Como pode ser observado nas falas abaixo:

“Não sei nada” G13

“Não muita coisa, sei o que é, mas não a prevenção” G14

“Não sei muita coisa, só que é uma doença.” G9

“Não sei nada sobre. A prevenção é o uso de camisinha” G3

Estudo realizado no nordeste brasileiro também verificou falhas no conhecimento de gestantes em relação a sífilis, embora souberam informar que a sífilis é uma IST, que sua prevenção pode ser pela utilização de método de barreira e sua detecção se dá pelo teste rápido. Por outro lado, retrataram surpresa sobre quais complicações o bebê pode apresentar por conta da doença, demonstrando a falta de conhecimento sobre a sífilis congênita. Não souberam dizer sobre o tratamento farmacológico e sobre o teste VDRL como técnica para diagnosticar e confirmar a doença. (GOMES et al, 2020).

O espanto das gestantes, acaba sendo grande, quando explicadas que o bebê pode contrair a doença e trazer complicações após o nascimento, gerando assim medo e preocupação pela falta de informações que obtiveram. Ainda existe uma longa caminhada para sociedade e profissionais de saúde discutirem mais sobre a sífilis, como doença infecciosa que tem cura, mas mesmo assim assola e mata milhares de crianças no Brasil e no mundo a cada ano.

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

Torna-se necessário a academia discutir e propagar informações sobre sífilis, em cada atendimento de gestantes, e também da população adulta sexualmente ativa, para frear a cadeia de transmissão e controlar essa infecção.

Desinformação sobre o seguimento pós-tratamento

Essa categoria busca demonstrar um ponto ainda mais crítico em relação ao tratamento e seguimento informados sobre sífilis, visto que das 20 participantes três tiveram diagnóstico de sífilis na gestação e não tiveram informação sobre o seguimento pós-tratamento. E aquelas que não tiveram testes positivos, menos ainda obtiveram no pré-natal informações sobre o seguimento pós-tratamento. As informações versavam apenas sobre o profissional que deveria tratar a sífilis, segundo as gestantes - o médico.

O diagnóstico, tratamento e seguimento de casos de sífilis na gestação podem ser realizados por médicos ou enfermeiros na atenção básica à saúde, durante o acompanhamento pré-natal (BRASIL, 2019).

“Nunca foi orientada.” G7

“Não sei como é o tratamento, não consigo imaginar como pode ser o acompanhamento da pessoa.” G6

“Não sabe como é o tratamento” G19

As gestantes não souberam informar como se dava o tratamento da sífilis e o que poderia acontecer após a finalização do mesmo, não sabendo que deveriam realizar novos exames durante o período da gestação e após. O seguimento dos usuários diagnosticados com sífilis torna-se primordial para que o tratamento seja adequado e obtenha-se o controle da infecção. Mesmo após anos do advento da Penicilina e apesar de seu uso rotineiro para tratamento da sífilis, ela continua sendo a droga de escolha para terapêutica em praticamente todos os estágios da doença. Desta forma é preciso atentar para a eficácia do tratamento e em casos de recidiva retomar as aplicações de penicilina até a queda permanente dos títulos dos exames laboratoriais (ROMEIRO, PORTO e REIS, 2018).

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

CONCLUSÕES

Conclui-se com este estudo que as gestantes não têm conhecimento amplo e adequado sobre sífilis, e embora tenham sido submetidas por testagem rápida durante o pré-natal o aconselhamento pré-teste e pós-teste não foi efetivo. Percebe-se ainda que em alguns casos os parceiros não realizaram o teste para sífilis, por pensar ser desnecessário ou não entender a gravidade da doença, a grande maioria não acompanha a parceira no pré-natal, com isso, não tem a chance de adquirir algum conhecimento sobre o assunto. O seguimento de casos após o tratamento, assim como observado em outros estudos, apresenta lacunas e demonstra que os profissionais de saúde ainda precisam avançar nesta prática e também informar as gestantes sobre a importância tanto do tratamento quanto do seguimento para garantir a cura da infecção e o controle da sífilis na comunidade. Espera-se mais atrativos nas unidades básicas para abordar assuntos considerados por muitos como “tabu”, desta forma as ISTs seriam mais conhecidas tendo em vista que muitos não sabem por vergonha de perguntar, ou por medo do que outros irão pensar. A educação em saúde nas instituições de ensino e de saúde torna-se primordial para a vivência consciente da sexualidade e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis como a sífilis.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao apoio financeiro dispensado via edital do PIC/FOA.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Sífilis**. 2019. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist/sifilis>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis /** Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. – Brasília: Ministério da Saúde, 2019.

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

GOMES, Natália; *et al.* “Só sei que é uma doença”: conhecimento de gestantes sobre sífilis, **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza v. 34, n 1, p. 1-10, fev. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/10964/pdf>>

LIMA, Gleiciane et al. Educação em saúde sobre sífilis com um grupo de gestantes: um relato de experiência de acadêmicas de enfermagem. **Sanare**, Ceará, v. 12, n. 2, p. 1-4, jun/dez 2013. Disponível em: <<https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/384/276>>

ROMEIRO, P. H.; PORTO, H. L. S.; DOS REIS, R. B. Sífilis: a grande imitadora. **HU Revista**, v. 44, n. 3, p. 393 - 399, 21 jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/25832>